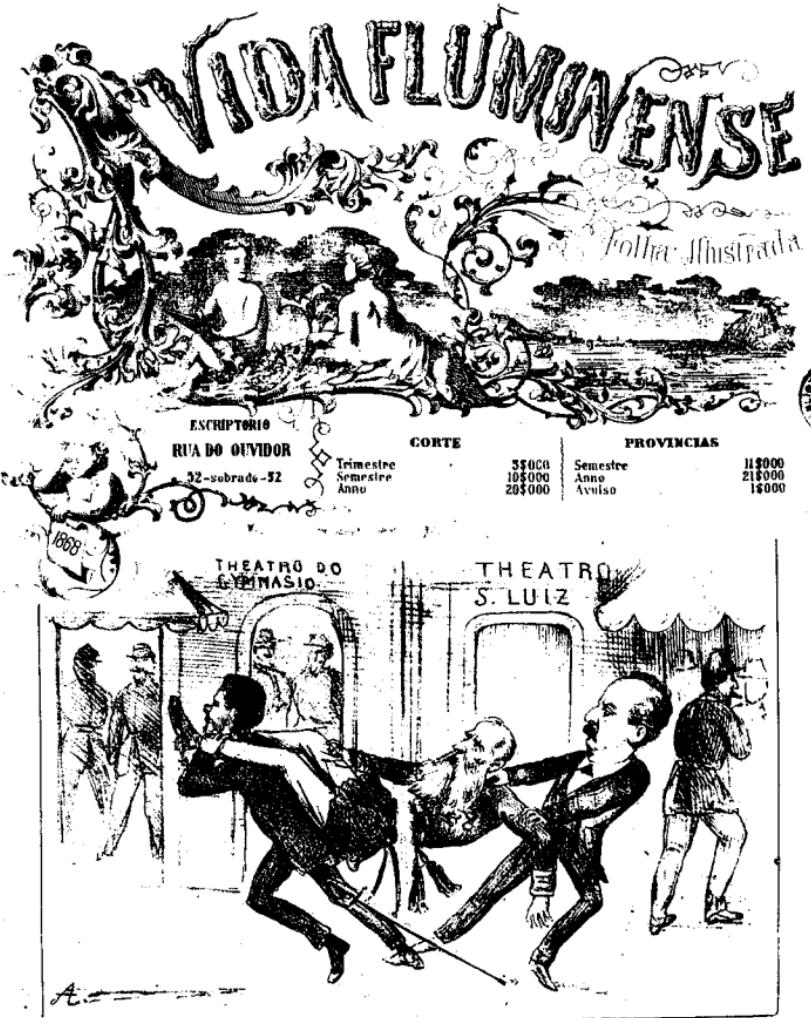


ANNO 3

SABRADO 23 DE ABRIL DE 1870.

N.121



*Ao que se arriscavam os officiaes de voluntários que se approximavão dos  
theatros de S. Luiz e Gymnasio  
Ter escapado dos paraguaios para serem assaltados aqui, por empregados  
de theatros!*

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 23 de Abril de 1870.

Antes de começar, desejo que o leitor me agradeça a finura que lhe fago desta vez, escravando apenas algumas linhas.

Serei breve, como dizem os pregadores ao encetarem um sermão que por um triz não tem fim.

E serei breve, não por estar baldio de assunto que mereça a pena de ser registrado n'uma chronica, mas... por outra razão que, se permitirem, calarei.

Motivos para escrever não me faltam: bastaria, por exemplo, explorar as ricas minas: — Festeiços para a chegada do Sr. conde d'Eu e recepção do ultimo contingente vindo do Paraguai — para encher uma boa meia duzia de folhas de papel.

Mas não o farei.

Ressalvarei apenas sobre um unico ponto, tangenciarei de leve sobre elle e... mais nada.

Ha uma cousa que me tem feito scismar! Ah! vai ella:

Porque razão fazem-se tão grandes ovacões aos voluntários que regressam intactos ou simplesmente escurridos pelo inimigo, quando receberam-se com a maior indiferença, sem um viva, sem um foguete, sem um versinho, os invalidos que voltaram trazendo em seus mutilados corpos as provas inconcussas de sua bravuremeia?

Serão maiores credores da nossa gratidão os primeiros do que os segundos?

Prestaram aqueles mais assignalados serviços do que estes, defenderam com mais denodo a honra nacional, castigaram com mais efficacia o ousado inimigo?

Não.

Uns e outros cumpriram seus deveres; são todos iguais perante a patria, pelos sacrifícios que fizeram, perfeitamente iguais!

A unica diferença que entre elles existe consiste no facto de poderem os primeiros procurar ajuda os meios para sua subsistencia, e terem-se os segundos intitulados completamente no servizo da guerra.

Credo que corria-nos o dever de receber, sendo melhor, palmares tão bém os que deixaram lá nos campos Paraguaios um braço ou uma perna, como os que voltaram incolumes.

Naturalmente estou em erro.

Estou, sem duvida, tambem em erro crendo que tínhamos o dever de receber com menos indiferença a officinalidade e marinagem dos seis encouraçados que se acham agora ancorados em nosso porto.

Chegaram sem que ninguem se desse por achado, e ali estão sem que ninguem os veja!

Entretanto durante alguns annos estiveram elles luctando braco a braco com a morte, resignados, alegres mesmo, porque tinham consciencia que cumpriam um sagrado dever.

Entretanto foram elles que venceram em Riachuelo! Foram elles que passaram entre as baterias de Cuevas e Mercedes! Foram elles que sofreram quasi a quicma-roupa os bombardeios de Itapirá e Curupaty! Foram elles que venceram o terrível passo de Huayatá! Foram elles, finalmente, que, expondo-as de continuo a mil perigos, já pescando á noute centos de torpedos, já fazendo recouhecimentos arriscadissimos, já sondando o rio sob uma abobada de balas e metralhas inimigas, auxiliaram todas as marchas do exercito e contribuiram poderosamente para o felix exito da guerra!

Tantos serviços relevantes da parte delles... tanta ingratitude da nossa.

— A. de C.

### Acerca dos theatros

Após certa apathia assustadora os theatros reabriram as portas.

A *Phenia*, o *S. Luiz* e o *Gymnasio* lançaram mão de espetaculos novos: o *S. Pedro* e o *Alcazar*, não podendo a tempo submeter ás provas publicas o afamado *Rei das Iolas* que se ensaiou no primeiro, e o faceto *Chiperie* destinado a fazer as delicias dos habitues do segundo, recorreram a exhibicoes já conhecidas do publico.

A inauguracion da empreza do Sr. Heller, nacente da rua d'Ajuda, é o prognostico certo de um futuro prospero e lucrativo.

A sala foi restaurada com gosto, a scena ressentiu-se de algumas reformas dignas de louvor, e o jardim, privado actualmente dasquelles caramanchões que o infestavam, oferece um espaço muito maior aos frequentadores que gostam de respirar a brisa amena e fagulha, e apresenta sob todos os postos um aspecto agradável e risonho.

Vez, Telles & C., uma das imitações mais felizes do Dr. Augusto de Castro, foi acolhida no meio dessas gargalhadas estrepitosas, que o espírito do diálogo provoca e uma infinitade de situações cómicas justifica.

Poucas composições dramáticas tem adquirido tanta voga como a que actualmente se acha em cena no S. Luiz.

E que também raras vezes aparece no mundo dramático um trabalho tão completo, ou, pelo menos, tão ao sabor das platéas.

*Frou-Frou* tem carreira feita entre nós, embora, exceção feita de Furtado Coelho, a peça não achesse no Rio de Janeiro interpretes habilitados a dar satisfactoria conta do recado; e que o *Jornal do Commercio*, na notícia publicada pela redacção, possesse nau nuvens o trabalho artístico da Sra. Ismenia, depreciando até certo ponto a obra de Meilhac e Halevy, tão respeitada pela imprensa europeia.

Felizmente os autores de *Frou-Frou* não leem o *Jornal do Commercio*.

Depois de, à imitação das borboletas, esvoçar de flor... não... de teatro em théatre, o Vasques tornou definitivamente conta do *Gymnasio*.

Se ha cousa que me tenho feito dar boas gargalhadas é este *andarivieni* do Vasques, pulando da *Phenia* para o S. Luiz, e deste para o *Gymnasio* com a facilidade e destreza de um gymnastico distinto.

Ha por ahi muita gente que censura o procedimento do ex-director da *Phenia*.

Porque? perguntar-me eu.

Onde estaria o espírito, que tão bem assenta no artista cómico, se lá de vez em quando, mesmo fóra da cena, elle não soubesse atrair sobre si a atenção das multidões?

Emfim, na *Phenia*, no *Gymnasio*, no S. Luiz, no *Lyrico*, ou mesmo no inferno, o Vasques é um desses artistas que o público aprecia e aplaude sempre.

A comissão encarregada de promover um benefício em favor dos pobres da freguesia de Santa Rita leva hoje à termo a sua humanitária tarefa.

No théatre de S. Pedro tem o leitor esta noite o enredo de admirar o primoroso trabalho artístico de Joaquim Augusto no *Cabo Simão*, a troco de uma es-

molla que vai encolher as lagrimas da afflição e minorar os sofrimentos da miseria.

Restam poucos bilhetes, é portanto de crer que não fique um só no bilheteiro.

Os attractivos do espetáculo e os fins a que é destinado, devem influir poderosamente para que a sala regorgite de espectadores.

Enz gosto vir a boa vontade com que as nossas dilatadas se prestam a coadjuvar os artistas, que para a realização de um concerto recorrem ao inquestionável talento de algumas delas.

E o que todos diriam assistindo ao brilhante sariomusical, dado pelo Sr. Germano Lopez nos salões do *Club Fluminense*, e que se tornou notável pelo gosto e esmero com que se executaram algumas peças a dous pianos, e se cantaram alguns trechos mais modernos do repertório italiano.

Nada menos de treze peças, executadas por amadoras, compunham o programma d'aquella festa, que deleitou durante algumas horas o lúzido auditório que enchia o salão principal.

Falla-se muito do proximo concerto de Mme. Judith Ribas, pianista notável, que se acha actualmente entre nós.

E motivos ha de sobra para que a atenção pública se occupe dessa reunião.

Mme. Judith é um prodigo. Depois de Gottschalk não vi por cá quem, como ella, execute com tanto sentimento e mestria os inspirados cantos, e os originalíssimos motivos devidos à fecunda imaginação do sempre chorado pianista americano.

Tudo quanto ha de mais distinto no dilettantismo fluminense toma parte no concerto de Mme. Judith.

O programma deve portanto ser atraente e sedutor.

Ensin-se o *Te-Deum* que para festejar a chegada de S. Alteza o Sr. Conde d'Eu, tem de ser cantado na Igreja da Cruz.

A musica é do mestre Briani e a execução acha-se a cargo de mais de trinta senhoras e outros tantos cavalheiros, todos amadores, e da orchestra da Filarmónica Fluminense, sob a direcção do seu regente o Sr. Ayres.

Em vista d'estes ridiculos musicans que acompanhava a processão de 6<sup>o</sup> feira santa não se poderia criticar que assim d'elles seguissem alguns Zé Peixoto, para complemento da farça carnavalesca  
A verdadeira religião e a civilização não admitem que perda de sagrado acende o ridículo.



A

O que se lunda era a vez os processões



21

Tiveram altercado pelos gritos dos moleques.

Cerco a cerca de trezentos homens feridos por um capoeira.

Existe a multeza de escravos que agarravam os cervos alheios que invadiam os desportos das férias, dando geralmente à rebola das igrejas

Chegou a cair e contou os pingos de sangue na casaca.

E muitas vezes elas por falta de religião!

*As grandes autoridades*



Vice e resto sobre o procedimento de certo juiz por denuncia anônima de que uma Senhora de idade se achava em estado de alienação mental.  
(É preciso notar que a verdadeira molestia dessa Senhora é umas condensas de Contos que elle posse, e que excita o appêlito de certa comunitade gastronomorphanolóxica a cuja frente se acha o pretendente ao lugar de curador.)



Efeito produzido pela pena do  
de Sr. Tito Nabuco sobre os redactores  
do *Apos-tolo*.

A mão do 1º promotor desmascarando os enviados  
de Satan.

Mestre Chiarini vai em maré de rosas. A variedade d'espectáculos e o mérito da companhia chiamam numerosa concorrência no círco da Guarda Velha.

A. DE A.

## VARIEDADE

### Cousas novas

Desde o peccado do nosso avô Adão, ou quem sabe se antes, o corpo humano arvorou-se em tyrano, para exigir entre muitas necessidades, duas, com todo o rigor de um despotismo inexorável.

A' folha de figueira, vestuário provavelmente satisfactorio, no paraíso terrenal, que apesar de todos os pezares, se achava situado sob o sol ardente da Ásia, devia necessariamente suceder um vestuário que melhor se adaptasse ás diferenças alimentericas.

Contro os sabrosos, mas poucos succulentos fructos do Edén, reclamaram logo as gerações posteriores.

Das duas necessidades surgiram duas artes. A alfaiataria e a pastelaria.

Foi pena que Adão ao sahir do paraíso, já que se decidira a provar do fructo prohibido, não encontrasse logo, em seu estado actual, a nossa rainha do Ouvidor.

Ahi a par das lojas de alfaiate que a abrillantam, pararia extasiado ante a que acabam de abrir os Srs. Abernaz & Fronteira.

Este ultimo, é o conhecido dos homens do tom, que durante dez annos buscaram pressurosos em casa do Sr. Rebello, onde servio de contra-mestre.

Quanto à golodrice o Arthou & Caitau abrem de par em par as suas portas á gastronomia do ton-

Se ha alguém que ainda tem o mau gosto de regular o seu tempo pela sombra da frente da casa, dirija-se á rua da Quitanda n.º 170, que em frente do estabelecimento de relojoaria que acaba de abrir o Sr. José Antonio dos Santos Costa, mandará aos figos a sombra, a freute, e a casa, e achará melhor e mais seguro meio de saber a quantas anda.

\* \* \*

Poesia recitada na Phenix Dramatica pelo seu autor, o Sr. Octaviano Hudson, em presença dos voluntários da Patria, na noite de 21 de corrente:

#### AOS VOLUNTARIOS DO NORTE

Que lutas tremendas, que nobres feçanhas  
Frestes, soldados, ao som das metralhas;  
Mil leuros, ceifando, cobriste de gloria  
A fronte quelnada ao sol das batalhas!

Lá ruíndo tambores, ecoião mil vozes,  
Falanges imponentes na pugna se atirão;  
Quem são esses bravos? São filhos do Norte,  
Que ronhão da morte, que no mundo admirão!

São filhos do Norte, do Norte brasileiro  
Da terra sagrada por tantos guerreiros,  
São filhos do Norte, são bravos da patria,  
Valentes soldados — heróis brasileiros!

Quem foi o gigante, andar temerario,  
Qu'em tanta peleja constante se achava?  
Quem foi o guerreiro, o herói legendario,  
Quo o solo inimigo príncipe calcava?

As aguas de rio no Passo da Patiço,  
As matas dos bosques e o rijo pampeiro,  
Respondem ufanas — um Rio-Grandense,  
Ozorio o colosso — Ozorio o guerreiro!

E o erho crescia nas aguas, nas matas,  
Enchendo o espaço do vasto zimbório,  
E nossa metralha matando inimigos,  
Também respondia dizendo — é Ozorio!

## PHILOMELA

*(Continuação)*

A filha de F.\*\*\* era um desses tipos, que não sendo muito bellos, agradam mais do que alguns que deslumbrão com a beleza.

De estatura regular, delguda sem ser magra, flexível, um pouco morena, com uns olhos rugasdos e grandes, e uns labios rubros onde brincava constantemente um sorriso faceiro, ella havia involuntariamente transformado muita cabeça de rapaz sem consciencia e muito menos sem vaidade alguma do que fazia.

Tal era a moça para junto da qual os mancebos se approximavam rissonhos.

— Então, perguntou a moça alegremente, o deserto resolveu-se a procurar novamente as antigas bandedeiras?

— Perdão, minha senhora, eu não desertei; retrei-me com causa justificada.

— Como assim?

— Julgo que a força maior, é uma causa assas justificativa; não? perguntou Arthur sorrindo.

— Não me fale em semelhante cousa, senhor Arthur: o senhor já é o septimo, que se excusa hoje com a força maior.

— Mas nem por isso deixa ella de ser uma excusa aceitável.

— Não falamos mais d'isso, disse rindo-se a moça; não creia que me offende com a sua ausência.

— Extranhei-a, porque...

— Porque, minha senhora? perguntou Arthur fitando a moça.

— Conhece aquella senhora que acaba de entrar na sala? perguntou a moça mudando rapidamente de tema de conversação.

O mancebo dirigiu o olhar para onde indicava a moça, e corou.

A filha de F.\*\*\* apercebendo-se da perturbação de Arthur, sorriu mas com que triste e contrafeito sorriso!

— Quer dar-me o prazer de conduzir-me até junto d'ella? Quero abraçá-la.

— Com todo prazer, respondeu o mancebo; e ofereceu-lhe o braço.

— Carlota, disse a filha de F.\*\*\* aproximando-se da recém-chegada, trago-te um desertor.

— Ah! replicou a moça interpellada, corando extraordinariamente.

Arthur adiantou-se para a moça que lhe ofereceu timidamente a mão.

O mancebo sentiu aquella mão tremer na sua, enquanto um olhar supplicante penetrava-lhe na alma, parecendo querer acordar as vozes de algum sentimento que nella dormitasse.

Arthur sentiu-se constrangido sob aquele olhar; cortejou novamente as duas moças e afastou-se.

Duas horas depois o baile havia chegado ao seu apogeo.

As valsas haviam-se sucedido às quadrilhas.

Aquellas faces frescas e bellas iam-se gradualmente dobrando com a agitação da buliçosa choréa.

A orchestra vinha de cular as ultimas notas de uma valsa ligeira.

Alguns pares percorriam ainda a sala passeando vagarosamente; e no numero destes via-se Arthur que condizia Carlota pelo braço.

Posto caminhavsem ambos silenciosos, todavia a moça volvia de tempos em tempos o olhar em derredor de si, como se buscasse certificar-se de que pessoa alguma se achava bastante proxima, para poder ouvir o que diziam.

Entretanto o silencio que ambos guardavam, parecia indicar que muito já haviam falado; e como vul-

garmente sucede, após uma conversação animada, viêre insípida mudez.

O passeio continuou ainda por alguns momentos, sem que uma só palavra fosse proferida; finalmente aproximou-se d'elles um mancebo, e pediu à moça uma quadrilha.

— Queira desculpar-me, disse ella sorrindo, mas acho-me tão fatigada, que far-me-hia um obsequio, se em vez da quadrilha que se vai dançar aceitasse a seguinte; e para comprovar o que dizia deixou-se cair sobre uma cadeira. O mancebo agradeceu e retirou-se. Dentro em pouco a quadrilha começo.

— Não vai dançar? perguntou ella a Arthur.

— Não, minha senhora, respondeo o mancebo, prefiro ir fumar, se me der licença.

Dizendo isto o mancebo ia a retirar-se, a moça deteve-o.

— Tenho sede, disse ella.

— Vou imediatamente buscar-lhe um refrigerante.

— Não, obrigada; prefiro ir ao buffet, se quer ter a bondade de conduzir-me até lá.

— Com todo o prazer, disse Arthur oferecendo-lhe o braço.

O buffet achava-se disposto na sala de jantar, e para chegar a elle era necessário transpor algumas peças da casa.

Um terraço, que se seguia à sala de jantar havia sido esquecida em aquella noite.

Todos os dias após o jantar F.\*\*\* repousava, e muitas vezes dormia à sesta, n'aquelle terraço.

D'allí a vista se estendia sobre grande parte da cidade.

Durante o dia o olhar apenas abravam uma grande multidão de casas aglomeradas, sem arte e sem método algum.

A' noite, porém, o mais bello panorama se desenrolava ante os olhos deslumbrados.

Aquelle amontoamento de casas, que durante o dia se apresentava disforme e sem regra, parecia à luz dos lampões symmetricamente disposto e alinhado.

Colocada nas proximidades da praia do Flamengo, a casa recebia as brigas frescas do mar, que durante a noite se espreguiavam indolentes e acareciadoras sobre a cidade abraçada.

(Continua.)



D.ª Raphaela Lopes de Bedoya.  
Viuva de Salvarino Bedoya.

D.ª Joana Innocencia Lopes de Barrios  
Viuva de General Barrios

Tímasas de F. S. Lopes